

Cartas Filosóficas (Cartas XXX e XXXI)

Margaret Cavendish

Tradução e Revisão: Cíntia Tornelli, Renata Augusto,
Jorge Américo Vargas Freitas, Daniela Moura Soares,
Manoela Caldas Pinto e Nastassja Pugliese

Coordenação e apresentação: Nastassja Pugliese

A tradução da presente seleção de cartas retiradas da obra *Cartas Filosóficas* (1664) de Margaret Cavendish foi iniciada no curso de Epistemologia II no Programa de Pós-graduação em Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que ministrei no primeiro semestre de 2019. Ao longo do semestre foram traduzidas todas as cartas editadas e selecionadas por Margaret Atherton na coletânea *Women Philosophers of the Early Modern Period* publicado pela editora Hackett em 1994. Esta obra, que conta com excertos de diversas filósofas do início da Filosofia Moderna, é um clássico nas bibliografias dos cursos estadunidenses de Filosofia Moderna e abriu caminhos para a inserção destas obras de filósofas negligenciadas nos currículos da graduação. As seleções de excertos feitas por Atherton privilegiam os conteúdos que mostram o diálogo de filósofas como Cavendish, Conway e Damaris Cudworth com filósofos canônicos como Descartes, Spinoza e Leibniz. Esta pequena antologia de Atherton contribuiu para o reconhecimento da profusão de teses inovadoras, diferentes e desconhecidas que estavam presentes nos círculos filosóficos seiscentistas e setecentistas. A antologia contribui não só para o projeto de resgate das obras de mulheres filósofas na história, mas também para as teorias da recepção dos autores clássicos, mostrando as críticas e os contra-argumentos de suas leitoras-filósofas. Atherton abre a introdução de sua antologia apontando o problema, hoje considerado indiscutível, mas que nos anos noventa ainda não era tão reconhecido como problema legítimo, da ausência de obras de filósofas no cânone da Filosofia Moderna. Esta ausência, que trabalhos de tradução como este que nos propomos aqui procuram contribuir para solucionar, se perpetuam por causa de diversas dificuldades, entre elas, dificuldades relacionadas à materialidade da pesquisa científica. Por exemplo, no momento em que Atherton edita sua antologia, a maioria dos livros escritos por estas filósofas dos séculos XVII e XVIII não tinha sido re-editada desde sua primeira publicação. Deste modo, o acesso às obras era extremamente

difícil, podendo algumas delas serem encontradas em poucas bibliotecas. Os textos não estavam ainda estabelecidos, a maioria não tinha edição adaptada para o público contemporâneo sendo, portanto, necessário conhecimento de Inglês Moderno e tipografia da época para leitura. Hoje a situação é diferente para estes estudos, pois recentemente houve uma grande quantidade de esforços - muitas vezes voluntários - de digitalização de volumes únicos e obras raras, além de projetos de transcrição destes fac-símiles e imagens para versões editáveis, legíveis e versões em cujos arquivos digitais pudessem ser realizadas buscas por conceitos e expressões. As *Cartas Filosóficas* de Cavendish é um exemplo das transformações na pesquisa decorrentes do avanço das humanidades digitais e a conseqüente ampliação do acesso às obras clássicas não-canônicas. A seleção e edição de excertos feitas por Atherton ocorre em um momento em que não havia quase nenhum acesso às obras originais. Foi só em 2016 que Clare Graham e Marc D’Hooghe produziram a versão transcrita da obra *Cartas Filosóficas* para o Project Gutenberg. Esta versão, disponível na internet, é a transcrição do fac-símile do volume das *Cartas Filosóficas* presente no acervo da Universidade de Toronto, no Canadá, na coleção de microfilmes da Biblioteca Thomas Fisher de Livros Raros. Este volume agora encontra-se disponível em sua totalidade, como um ebook, no Project Gutenberg e pode ser facilmente acessado. Outra iniciativa semelhante é a Early English Books Online, um projeto de digitalização dos primeiros livros a serem publicados na história da Língua Inglesa, criado em 2015, fruto da parceria entre a Universidade de Michigan, as Bibliotecas da Universidade de Oxford, a ProQuest e o Conselho de Bibliotecas e Recursos de Informação. As obras de Cavendish podem ser encontradas no repositório da EEBO, inclusive as *Cartas Filosóficas* completas na mesma versão presente no Project Gutenberg.

O acesso em Língua Portuguesa à estas obras, ainda raro, depende de esforços de tradução que são posteriores aos trabalhos de construção de antologias, de digitalização e transcrição das obras em Língua Inglesa. Buscando reconhecer a importância do trabalho pioneiro de organização de Margaret Atherton, decidimos realizar a tradução dos excertos de cartas editadas e publicadas por ela no volume da editora Hackett. A vantagem desta seleção é, como já apresentamos anteriormente, o fato dos excertos escolhidos por ela terem sido editados para facilitar o processo de adoção dessas obras em cursos de graduação e agilizar, portanto, a inclusão das obras escritas por mulheres filósofas nos programas de curso e no cânone acadêmico da Filosofia Moderna. Entretanto, quando hoje comparamos os excertos selecionados por Atherton e as transcrições da EEBO e do Project Gutenberg, há algumas inconsistências. A carta XXXI é abreviada em Atherton e algumas de suas passagens são

incluídas na carta XXX. Decidimos, portanto, publicar as duas cartas juntas e apenas elas pois há muito trabalho de revisão ainda a ser feito dada essa dificuldade vinda do recente estabelecimento dos textos originais. Seleccionamos as duas primeiras cartas, a carta XXX e a carta XXXI, para serem publicadas primeiro pois elas oferecem a crítica de Cavendish às teses cartesianas sobre o movimento e a natureza da matéria. Assim, seguindo a seleção de Atherton (que apresenta as cartas XXX até a XLII da primeira sessão da obra), começamos introduzindo os leitores brasileiros aos fundamentos metafísicos da filosofia da natureza de Cavendish.

Finalmente, recomendamos as plataformas do Project Vox, da Duke University Libraries, e o Digital Cavendish para aqueles e aquelas que tiverem interesse em encontrar recursos e material para ensino e pesquisa da obra de Cavendish.

Margaret Lucas Cavendish escreveu inúmeras obras em diversos estilos, tendo vivido durante o período de florescimento da Filosofia Moderna na Europa. Cavendish possui uma filosofia da natureza original, crítica às teses mecanicistas, na qual defende um vitalismo materialista. Nascida em Colchester, Essex, na Inglaterra, no ano de 1623, veio a falecer em 1673. Cavendish foi conhecida em seu tempo por sua produção intelectual, tendo sido uma das raras mulheres a participar de uma reunião da Royal Society. Casada com William Cavendish, organizaram reuniões nos anos de 1640 que ficaram conhecidas como “Cavendish Circle”. Por causa dessas reuniões ela pode ter interações com Thomas Hobbes, René Descartes, Marin Mersenne, Pierre Gassendi. Entretanto, não há registro escrito de suas correspondências com eles, apesar de termos disponível uma correspondência entre William Cavendish e René Descartes sobre racionalidade animal - tema tratado por Margaret Cavendish na carta XXXVI. Suas obras principais são:

Poemas e Fantasias (1653) (Poems and Fancies)

Fantasias Filosóficas (1653) (Philosophical Fancies)

Opiniões sobre Filosofia e Matéria (1655) (Philosophical and Physical Opinions)

Imagens da Natureza Desenhadas por Lápis que Fantasiam para a Vida (1656) (Natures Pictures Drawn by Fancies Pencil to the Life)

Discursos de Diversos Tipos, aplicados a Diversos Lugares (1662) (Orations of Divers Sorts, Accommodated to Divers Places)

Cartas Filosóficas: ou reflexões modestas sobre algumas opiniões em Filosofia da Natureza sustentadas por diversos autores famosos e cultos dessa época expressas através de cartas (1664) (Philosophical Letters; or, Modest Reflections upon some opinions in Natural Philosophy, Maintained by Several Famous and Learned Authors of his Age, Expressed by way of Letters)

Observações sobre Filosofia Experimental (1666) (Observations Upon experimental philosophy)
A Descrição de um Novo Mundo novo, chamado O Mundo Resplandecente (1666) (The Description of a New World, called the Blazing World)
Fundamentos da Filosofia da Natureza (1666) (Grounds of Natural Philosophy)

A presente tradução conta com duas cartas selecionadas da obra original *Cartas Filosóficas: ou reflexões modestas sobre algumas opiniões em Filosofia da Natureza sustentadas por diversos autores famosos e cultos dessa época* (1664). Nesta obra, de estrutura epistolar, Cavendish imagina uma interlocutora, mulher, com quem ela debate teses de Descartes, Hobbes, More e van Helmont. Cavendish apresenta seus contra-argumentos no que diz respeito à natureza da matéria, do espaço, da separação entre corpo e mente, descreve tipos de movimento, de causalidade, trata de temas em mereologia e questões relacionadas à racionalidade animal. Cíntia Tornelli, quem primeiro trabalhou na tradução das cartas XXX e XXXI durante nosso curso, oferece os seguintes resumos introdutórios:

Carta XXX: Nesta carta, o ponto de partida de Margaret Cavendish é a contestação de teses adversárias cujo autor é explicitamente nomeado, Descartes. A noção de movimento é o centro da reflexão e análise de Cavendish. Ante a tese cartesiana acerca do movimento, concebido como modo da substância extensa, Cavendish sustenta, contrariamente, que não se pode abstrair movimento da matéria, ou seja, ela advoga a favor da tese segundo a qual não há distinção real nem de razão entre movimento e corpo. O ponto crucial da discussão gira em torno da possibilidade de transferência de movimento entre corpos, hipótese rejeitada por Cavendish, visto que essa transferência implicaria a destruição do próprio corpo. Uma vez que não existe movimento à parte da matéria, e vice-versa, Cavendish conclui que eles são um e o mesmo. De grande relevância para a sua teoria do movimento e da matéria são as distinções acerca dos tipos de movimentos e as noções de matéria animada e matéria inanimada, elementos pertencentes à ontologia de Cavendish. Na seleção feita por Atherton, esta missiva se situa entre as mais fundamentais para a compreensão do materialismo vitalista endossado por Cavendish.

Carta XXXI: Em síntese, o destaque da reflexão de Cavendish é a concepção de lugar (*place*). Por meio da estreita correspondência feita entre os conceitos de lugar e de corpo, Cavendish defende que a espacialidade não pode ser concebida como um modo da extensão, porquanto o corpo jamais prescinde ou altera o seu lugar. Não há vácuo ou espaço vazio, visto que, se há lugar, então ele é ocupado por um corpo, o mesmo podendo ser dito em relação ao último: se há corpo, então ele ocupa um lugar.

XXX

Madam,

I am reading now the works of that famous and most renowned author, Descartes, out of which I intend to pick out only those discourses which I like best, and not to examine his opinions, as they go along from the beginning to the end of his books; and in order to this, I have chosen in the first place, his discourse of motion, and do not assent to his opinion, when he defines motion to be only a mode of a thing, and not the thing or body itself; for, in my opinion, there can be no abstraction made of motion from body, neither really, nor in the manner of our conception, for how can I conceive that which is not, nor cannot be in nature, that is, to conceive motion without body? Where fore motion is but one thing with body, without any separation or abstraction soever. Neither doth it agree with my reason, that one body can give or transfer motion into another body; and as much motion it gives or transfers into that body, as much loses it: As for example, in two hard bodies thrown against one another, where one, that is thrown with greater force, takes the other along with it, and loses as much motion as it gives it. For how can motion, being no substance, but only a mode, quit one body, and pass into another? One body may either occasion, or imitate another's motion, but it can neither give nor take away what belongs to its own or another body's substance, no more then matter can quit its nature from being matter; and therefore my opinion is, that if motion doth go out of one body into another, then substance goes too; for motion, and substance or body, as aforementioned, are all one thing, and then all bodies that receive motion from other bodies, must needs increase in their substance and quantity, and those bodies which impart or transfer motion, must decrease as much as they increase: Truly, madam, that neither motion nor figure should subsist by themselves, and yet be transferable into other bodies, is very strange, and as much as to prove them to be nothing, and yet to say they are something. The like may be said of all others, which they call accidents, as skill, learning, knowledge, etc. Saying, they are no bodies, because they have no extension, but inherent in bodies or substances as in their subjects; for although the body may subsist without them, yet they being always with the body, body and

XXX

Senhora,

Eu estou lendo agora as obras do famoso e mais renomado autor, Descartes, das quais pretendo escolher apenas os discursos de que mais gosto, e não examinar as suas opiniões como elas perpassam seus livros do começo ao fim; e, para isso, eu escolhi, em primeiro lugar, seu discurso sobre o movimento, e não concordo com a opinião dele quando define movimento como apenas um modo de uma coisa e não a coisa ou o corpo ele mesmo; visto que, em minha opinião, não se pode abstrair movimento do corpo, nem de maneira real nem segundo nossa maneira de conceber, pois como eu posso conceber aquilo que não é, e que não pode ser em natureza, isto é, conceber o movimento sem corpo? Assim, o movimento nada mais é do que uma só coisa com o corpo, sem qualquer separação ou abstração de qualquer tipo. Tampouco está de acordo com a minha razão que um corpo possa dar ou transferir movimento para outro corpo; e quanto mais movimento ele dá ou transfere para esse corpo, mais ele perde – como, por exemplo, em dois corpos sólidos lançados um contra o outro, no qual um, que é jogado com maior força, leva o outro junto com ele e perde tanto movimento quanto o que ele dá. Como pode o movimento, não sendo substância, mas apenas um modo, abandonar um corpo e passar para outro? Um corpo pode ocasionar ou imitar o movimento de outro, mas não pode dar nem tirar o que pertence à sua própria substância ou à substância de outro corpo, tal como a matéria não pode abandonar sua natureza de ser matéria; e, portanto, minha opinião é que se o movimento sair de um corpo para outro, então a substância também sai; pois movimento e substância ou corpo, conforme anteriormente mencionado, são todos uma só coisa, e então todos os corpos que recebem movimento de outros corpos devem forçosamente aumentar em substância e quantidade, e aqueles que transmitem ou transferem movimento devem diminuir tanto quanto eles aumentam. Sinceramente, senhora, é tão estranho que nem o movimento nem a figura devam subsistir por si mesmos e ainda assim serem transferíveis para outros corpos, quanto provar que eles não sejam nada, e ainda assim dizer que são alguma coisa. O mesmo pode ser dito de todas as outras coisas que eles chamam de acidentes, como a habilidade, o aprendizado, o conhecimento, etc., dizendo que não são corpos, porque não têm extensão, mas são inerentes aos corpos ou substâncias, como se estes fossem sujeitos; pois, embora o corpo possa subsistir sem eles [os acidentes] e, não obstante, eles existam sempre com o corpo, corpo

they are all one thing: And so is power and body, for body cannot quit power, nor power the body, being all one thing. But to return to motion, my opinion is, that all matter is partly animate, and partly inanimate, and all matter is moving and moved, and that there is no part of nature that hath not life and knowledge, for there is no part that has not a commixture of animate and inanimate matter; and though the inanimate matter has no motion, nor life and knowledge of itself, as the animate has, nevertheless being both so closely joined and commixed as in one body, the inanimate moves as well as the animate, although not in the same manner; for the animate moves of itself, and the inanimate moves by the help of the animate, and thus the animate is moving and the inanimate moved; not that the animate matter transfers, infuses, or communicates its own motion to the inanimate; for this is impossible, by reason it cannot part with its own nature, nor alter the nature of inanimate matter, but each retains its own nature; for the inanimate matter remains inanimate, that is, without self-motion, and the animate loses nothing of its self-motion, which otherwise it would, if it should impart or transfer its motion into the inanimate matter; but only as I said heretofore, the inanimate works or moves with the animate, because of their close union and commixture; for the animate forces or causes the inanimate matter to work with her; and thus one is moving, the other moved, and consequently there is life and knowledge in all parts of nature, by reason in all parts of nature there is a commixture of animate and inanimate matter: and this life and knowledge is sense and reason, or sensitive and rational corporeal motions, which are all one thing with animate matter without any distinction or abstraction, and can no more quit matter, then matter can quit motion. Wherefore every creature being composed of this commixture of animate and inanimate matter, has also self-motion, that is life and knowledge, not that there is any more place then body; as for example, water being mixed with earth, the water doth not take the earth s place, but as their parts intermix, so do their places, and as their parts change, so do their places, so that there is no more place, then there is water and earth; the same may be said of air and water, or air and

e eles são todos uma só coisa. E assim também é poder e corpo, pois o corpo não pode prescindir do poder [*power*], nem o poder do corpo, sendo eles todos uma coisa só. Mas, retornando ao movimento, minha opinião é que toda matéria é em parte animada, em parte inanimada, e toda matéria é movente e movida, e que não há parte da natureza que não tenha vida e conhecimento, pois não há parte que não tenha uma mistura de matéria animada e inanimada; e embora a matéria inanimada não tenha movimento, nem vida e conhecimento de si mesma, como a animada tem, apesar de ambas existirem de tal modo intimamente unidas e misturadas como em um único corpo, o corpo inanimado move tal como o animado, embora não da mesma maneira; pois o animado move por si mesmo e o inanimado move com a ajuda do animado, e desse modo o animado é movente e o inanimado é movido. Não que a matéria animada transfira, incuta ou comunique seu próprio movimento à inanimada, pois isso é impossível, visto que não pode se separar de sua própria natureza, nem alterar a natureza da matéria inanimada, mas cada uma conserva sua própria natureza; pois a matéria inanimada permanece inanimada, isto é, sem movimento próprio, e a animada não perde nada do seu movimento próprio, o que seria o caso se pudesse comunicar ou transferir seu movimento para a matéria inanimada; mas como eu disse até agora, a inanimada funciona ou move com a animada por causa da sua íntima união e mistura, pois a animada força ou causa a matéria inanimada a trabalhar com ela; e, portanto, uma se move, a outra é movida e, conseqüentemente, há vida e conhecimento em todas as partes da natureza em razão de haver, em todas as partes da natureza, uma mistura de matéria animada e inanimada. E essa vida e conhecimento são sensação e razão, ou movimentos corporais sensíveis e racionais, que são todos uma mesma coisa com a matéria animada, sem distinção ou abstração, e não podem prescindir da matéria, assim como a matéria não pode prescindir do movimento. Por conseguinte, toda criatura composta dessa mistura de matéria animada e inanimada possui também movimento próprio, isto é, vida e conhecimento¹, não havendo lugar [*place*] para além do corpo; como, por exemplo, em sendo água misturada com terra, a água não toma o lugar da terra, mas, assim como suas partes se misturam, do mesmo modo acontece com seus lugares e, à medida que suas partes mudam, também mudam seus lugares, de maneira que não há mais lugar do que há água e terra; o mesmo pode ser dito do ar e da água, ou do ar e da terra ou de

¹ Neste momento do texto, há uma discrepância entre a edição da Atherton e a transcrição do texto original disponibilizado no Project Gutenberg e no EEBO. A partir deste ponto, passagens que, em Atherton, se encontram na carta XXX, na versão transcrita estão na carta XXXI.

earth, or did they all mix together; for as their bodies join, so do their places, and as they are separated from each other, so are their places. Say a man travels a hundred miles, and so a hundred thousand paces; but yet this man has not been in a hundred thousand places, for he never had any other place but his own, he hath joined and separated himself from a hundred thousand, nay millions of parts, but he has left no places behind him. You will say, if he travels the same way back again, then he is said to travel through the same places. I answer, It may be the vulgar way of expression, or the common phrase; but to speak properly, after a philosophical way, and according to the truth in nature, he cannot be said to go back again through the same places he went, because he left none behind him, or else all his way would be nothing but place after place, all the hundred miles along; besides if place should be taken so, as to express the joining to the nearest bodies which compass him about, certainly he would never find his places again; for the air being fluid, changes or moves continually, and perchance the same parts of the air, which compassed him once, will never come near him again. But you may say, if a man be hurt, or hath some mischance in his body, so as to have a piece of flesh cut out, and new flesh growing there; then we say, because the adjoining parts do not change, that a new piece of flesh is grown in the same place where the former flesh was, and that the place of the former flesh cut or fallen out, is the same of this new grown flesh. I answer, in my opinion, it is not, for the parts being not the same, the places are not, but every one hath its own place. But if the wound be not filled or closed up with other new flesh, you will say, that according to my opinion there is no place then at all. I say, yes, for the air or anything else may be there, as new parts joining to the other parts; nevertheless, the air, or that same body which is there, hath not taken the flesh's place, which was there before, but hath its own; but, by reason the adjoining parts remain, man thinks the place remains there also which is no consequence. 'Tis true, a man may return to the same adjoining bodies, where he was before, but then he brings his place with him again, and as his body, so his place returns also, and if a man's arm be cut off, you may say, there was an arm heretofore, but you cannot say properly, this is the place where the arm was. But to return to my first example of the mixture of water, and earth or air; suppose water is not porous, but only dividable, and hath no other place but what is its own bodies, and that other parts of water intermix with it by dividing and composing; I say, there is no more place required, then what belongs to their own parts, for if some contract, others dilate, some divide, others join, the places

todos eles misturados; pois enquanto seus corpos se unem, assim também [se unem] seus lugares, e quando eles são separados uns dos outros, assim seus lugares também o são. Digamos que um homem viaje cem milhas e, deste modo, milhares de passos, ainda assim este homem não esteve em milhares de lugares, pois ele nunca esteve em outro lugar senão no seu; ele se uniu e se separou de milhares, ou melhor, de milhões de partes, mas não deixou qualquer lugar para trás. Você dirá que, se ele viajar pelo mesmo caminho de volta, então dir-se-á que ele viajou pelos mesmos lugares. Eu respondo, pode ser a maneira vulgar de expressão, ou frase feita, mas, falando propriamente, filosoficamente, e de acordo com a verdade na natureza, não se pode dizer que o homem retornou pelos mesmos lugares que passou, porque ele não deixou nenhum lugar para trás. Ou então todo o seu caminho seria nada além de lugar após lugar, por centenas de milhas; além disso, se lugar fosse tomado assim, de modo a expressar a união com os corpos mais próximos que o cercam, certamente ele nunca mais encontraria seus lugares; pois o ar sendo fluido, muda ou se move continuamente e, possivelmente, as mesmas partes do ar que o cercaram uma vez nunca mais se aproximarão dele novamente. Mas você pode dizer que, se um homem se machuca, ou sofreu algum infortúnio em seu corpo, de modo que teve um pedaço de carne removido e uma nova carne está ali crescendo, então dizemos, porque as partes adjacentes não mudam, que um novo pedaço de carne cresce no mesmo lugar onde a carne anterior estava e o lugar da carne anterior cortada ou caída é o mesmo dessa nova carne crescida. Respondo, em minha opinião, que não é assim, pois não sendo as mesmas partes, os lugares não são os mesmos, mas cada um tem seu próprio lugar. Mas se a ferida não for preenchida ou fechada com outra carne nova, você dirá que então, de acordo com minha opinião, não há lugar algum. Eu digo que sim, pois o ar ou qualquer outra coisa pode estar lá, à medida que novas partes se juntam às outras; no entanto, o ar, ou o mesmo corpo que está lá, não tomou o lugar da carne que estava lá antes, mas tem o seu próprio; porém, em razão da permanência das partes adjacentes, o homem pensa que o lugar permanece ali também, o que não procede. É verdade, um homem pode retornar aos mesmos corpos adjacentes onde estava antes, mas então ele traz seu lugar consigo novamente, e, tal como seu corpo, também o seu lugar retorna; e se o braço de um homem for cortado, você poderia dizer que havia um braço antes, mas você não pode dizer propriamente que “este é o lugar onde o braço estava”. Mas, voltando ao meu primeiro exemplo da mistura de água e terra ou ar, suponha que a água não seja porosa, mas apenas divisível, e que não tenha outro lugar senão o que é seu próprio corpo, e que outras partes da

are the same according to the magnitude of each part or body. The same may be said of all kinds or sorts of mixtures, for one body hath but one place; and so if many parts of the same nature join into one body and increase the bulk of the body, sense and reason, so that no part hath need to give or receive motion to or from another part; although it may be an occasion of such a manner of motion to another part, and cause it to move thus or thus: as for example, a watchmaker doth not give the watch its motion, but he is only the occasion, that the watch moves after that manner, for the motion of the watch is the watch's own motion, inherent in those parts ever since that matter was, and if the watch ceases to move after such a manner or way, that manner or way of motion is nevertheless in those parts of matter, the watch is made of, and if several other figures should be made of that matter, the power of moving in the said manner or mode, would yet still remain in all those parts of matter as long as they are body, and have motion in them. Wherefore one body may occasion another body to move so or so, but not give it any motion, but everybody (though occasioned by another, to move in such a way) moves by its own natural motion; for self-motion is the very nature of animate matter, and is as much in hard, as in fluid bodies, although your author denies it, saying, the nature of fluid bodies consists in the motion of those little insensible parts into which they are divided, and the nature of hard bodies, when those little particles joined closely together, do rest; for there is no rest in nature; wherefore if there were a world of gold, and a world of air, I do verily believe, that the world of gold would be as much interiously active, as the world of air exteriously; for natures motions are not all external or perceptible by our senses, neither are they all circular, or only of one sort, but there is an infinite change and variety of motions; for though I say in my philosophical opinions, as there is but one only matter, so there is but one only motion; yet I do not mean, there is but one particular sort of motions, as either circular, or straight, or the like, but that the nature of motion is one and the same, simple and entire in itself, that is, it is mere motion, or nothing else but corporeal motion; and that as there are infinite divisions or parts of matter, so there are infinite changes and varieties of motions, which is the reason that I call motion as well

água se misturam com ela por divisão e composição; eu digo, não há outro lugar exigido além daquele que pertence às suas próprias partes, pois se alguns contraem, outros se dilatam; alguns se dividem, outros se juntam, os lugares são os mesmos de acordo com a magnitude de cada parte ou corpo. O mesmo pode ser dito de todos os tipos ou sorte de misturas, pois um corpo tem apenas um lugar; assim como se muitas partes da mesma natureza se juntam em um corpo e aumentam o tamanho do corpo, sensação e razão², de tal modo que nenhuma parte precisa dar ou receber movimento de ou para outra parte, embora possa ser uma ocasião de um modo de mover para uma outra parte, e causa que ela se mova desse ou de outro modo: como, por exemplo, um relojoeiro não dá movimento ao relógio, mas é apenas a ocasião para que o relógio se mova daquela maneira, pois o movimento do relógio é o movimento do próprio relógio, inerente a essas partes desde que há matéria, e se o relógio cessa de se mover de tal maneira ou modo, essa maneira ou modo de movimento está, não obstante, nessas partes da matéria de que o relógio é feito, e se várias outras figuras devem ser feitas dessa matéria, o poder de movimento da maneira ou do modo referidos ainda assim permaneceriam em todas as partes da matéria enquanto elas são corpo e têm movimento nelas. Portanto, um corpo pode ocasionar outro corpo a mover-se de tal ou tal maneira, mas não dá movimento algum, e todos (ainda que ocasionados por outro a se mover de certa maneira) se movem por seu próprio movimento natural; pois o movimento próprio é a própria natureza da matéria animada, e está tanto nos corpos sólidos quanto nos corpos fluidos, embora seu autor negue, dizendo que a natureza dos corpos fluidos consiste no movimento daquelas pequenas partes insensíveis nas quais estão divididos e a natureza dos corpos sólidos nessas pequenas partículas intimamente unidas em repouso; porém, não há repouso na natureza. Portanto, se houvesse um mundo de ouro e um mundo de ar, eu realmente acredito que o mundo de ouro seria tão internamente ativo quanto seria, externamente, o mundo de ar; pois os movimentos da natureza não são todos externos ou perceptíveis por nossos sentidos, nem são todos circulares, ou de um só tipo, mas há uma mudança infinita e variedade de movimentos, pois, embora eu diga em minhas opiniões filosóficas, que há apenas uma só matéria, também só há um movimento; no entanto, não quero dizer que exista apenas um tipo específico de movimento, seja circular, reto ou algo semelhante, mas que a natureza do movimento é uma e a mesma coisa, simples e completa em si mesma, ou

² De acordo com a transcrição do Project Gutenberg e do EEBO, o trecho “*sense and reason, so that no part hath need to give or receive motion to or from another part*” não aparece neste contexto, mas, em vez disso, completa a frase “*Wherefore every creature being composed of this commixture of animate and inanimate matter, has also self-motion, that is life and knowledge*”. Ver nota 1.

infinite as matter; first that matter and motion are but one thing, and if matter be in finite, motion must be so too; and secondly, that motion is infinite in its changes and variations, as matter is in its parts. And thus much of motion for this time; I add no more, but rest,

MADAM,

*Your faithful friend,
and servant*

XXXI

Madam,

I observe your author in his discourse of place makes a difference betwixt an interior and exterior place, and that according to this distinction, one body may be said to change, and not to change its place at the same time, and that one body may succeed into another's place. But I am not of this opinion, for I believe the place of that same body is accordingly; and if they be bodies of different natures which intermix and join, each several keeps its place; and so each body and each particular part of a body hath its place, for you cannot name body or part of a body, but you must also understand place to be with them, and if a point should dilate to a world, or a world contract to a point, the place would always be the same with the body. And thus I have declared my opinion of this subject, which I submit to the correction of your better judgment, and rest,

MADAM,

*Your ladyship's
faithful friend and humble servant*

seja, é mero movimento ou nada além de movimento corporal; e que, como existem infinitas divisões ou partes da matéria, também existem infinitas mudanças e variedades de movimentos, razão pela qual considero o movimento tão infinito quanto a matéria. Primeiro, que matéria e movimento são uma mesma coisa, e se a matéria é infinita, o movimento também deve ser; e segundo, que o movimento é infinito em suas mudanças e variações, como a matéria é em suas partes. E é isso sobre o movimento, por ora. Nada mais acrescento, e encerro.

Senhora,
Sua fiel amiga,
e serva.

XXXI

Senhora,

Observo que seu autor em seu discurso sobre o lugar faz uma diferença entre lugar interior e exterior, e que, de acordo com essa distinção, pode-se dizer que um corpo muda e não muda de lugar ao mesmo tempo, e que um corpo pode suceder o outro em seu lugar. Mas eu não sou desta opinião, pois acredito que o lugar desse mesmo corpo é a ele correspondente³; e se forem corpos de naturezas diferentes que se misturam e se unem, cada um mantém seu lugar; e assim cada corpo e cada parte determinada do corpo têm seu lugar, pois você não pode falar em corpo ou em parte de um corpo sem também entender o lugar com eles, e, se um ponto dilatar-se em um mundo ou um mundo se contrair a um ponto, o lugar sempre será o mesmo com o corpo. E assim declarei minha opinião sobre este assunto, que submeto à correção de seu melhor julgamento, e encerro,

Senhora,
Fiel amiga de sua senhoria e humilde serva.

³ Convém notar que há, novamente, divergência entre a versão de Atherton e a transcrição do texto original no Project Gutenberg e no EEBO, conforme explicitado na Apresentação e nas notas 1 e 2.